

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITASANTO ANTONIO
MILAGROSO

POR MARIA dos MILAGRES

A-PESAR-DE muito nova, quatorze anos sòmente, a Maria da Luz era uma sensata e ajuizada rapariguinha. Perdera a mãi muito cedo e, por isso, tinha-se visto obrigada a encarar a vida pelo seu lado sério, na idade em que tódas as crianças só pensam nos brinquedos e divertimentos. Vivia com o pai, um operário trabalhador e honesto que adorava a sua Luizinha, como êle dizia, e que só para ela vivia.

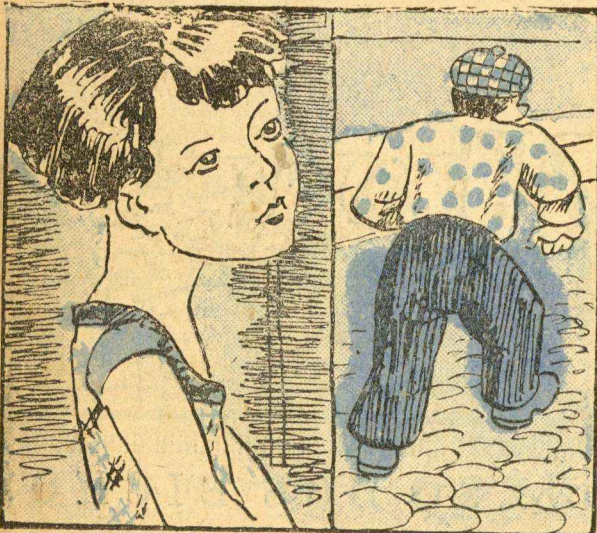
Por muito tempo, pai e filha viveram uma vida modesta mas sossegada, até que, uma vez, o operário levado por uns companheiros, entrou numa taberna, com tentções de não se demorar. O demónio, porém, tentou-o e só passadas muitas horas voltou para casa, atordoado e vacilante. A filha afligira-se mas como, desde que a mãi morrera, era a primeira vez que via o pai naquele estado, pensou que o facto se não repetiria. Infelizmente enganou-se. No outro dia o operário tornou a beber e, dali em diante, voltava para casa sempre embriagado. A Maria da Luz chorava muito e o pai, nos momentos de lucidez, vendo-a triste, beijava-a e prometia-lhe não tornar a entrar na taberna. À tarde, contudo, ao sair da oficina, a

tentação dominava-o e êle não lhe sabia resistir. E, assim, o demónio do alcool, foi-se apoderando dele, tornando-o um escravo inconsciente do vício, até que o pobre homem, que tinha sido um operário diligente e um extremoso pai, fez-se preguiçoso, renitente ao trabalho, chegando, ainda, a ser máu para a filha. Esta soffria imenso mas não conseguia detê-lo no perigoso caminho para a desgraça.

Naquela casa humilde mas remediada, entrou um dia a miséria. O dinheiro acabou-se e a Maria da Luz teve de vender umas coisas para que o pai tivesse de comer. Depois foi vendendo tudo, até à altura em que nada havia já que pudesse ser vendido. Pai e filha tiveram fome e a pobre pequena tomou a resolução de ir pedir esmola; de esmolas êles passaram a viver, pois que o operário já não ganhava. A sua má conduta fizera-o ser despedido da fábrica e o vício horrível que se apoderara completamente dele, impedia-o de ser aceite em qualquer outro lugar.

Um dia, a Maria da Luz voltou para casa desolada porque quási nada trazia e não sabia como conseguir arranjar que comer.

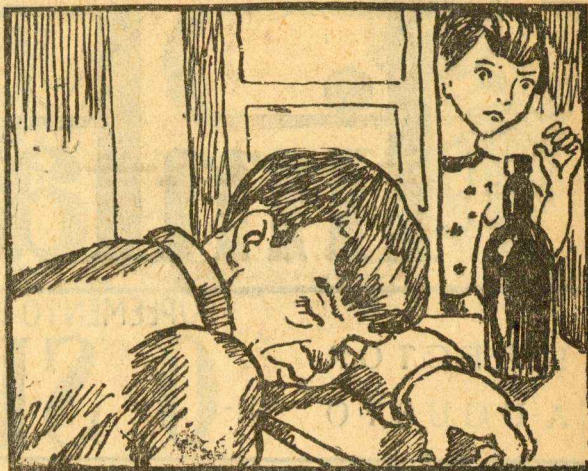
Sentada na sua camita, a pequena chorava amargamente, quando, de repente, teve uma idéa. Lembrou-se vagamente que a mãi, antes de morrer, lhe confiara uma caixa que guardava um Santo António de madeira, já muito antigo e que ela conservava como uma reliquia. Dizia que o santo era milagroso e que tudo quanto lhe pedissem êle satisfaria. A Maria da Luz foi, então, buscar a caixa que abriu. O santo ali estava, deitado numa macia almofadinha. A pequena pegou-lhe vagarosamente e pô-lo em pé. A-pesar-de grosseiramente esculpido em madeira, aquele Santo António tinha uma beleza majestosa e suave. Havia no seu rosto, cândido, uma como que centelha de vida e o olhar era cheio de bondade e tristeza. A Maria da Luz não tinha sido educada religiosamente; a mãi morrera sendo ela muito novinha e o pai era bom e honrado mas descrente. Procurara o santo só porque se lembrara que o poderia vender, porém ao vê-lo tão belo, sublime na sua simplicidade,



o coração magoado de Luzita sentia-se consolado e a pequena não pensou mais em desfazer-se dele.

A mãe tinha-lhe dito que o Santo António era milagroso. Quem sabe se não lhe faria o milagre de curar o pai? A Luzinha, então, ajoelhou, ergueu as mãos e suplicou-lhe que assim fizesse. O santo ouviu, certamente, o seu pedido, porque a pequena julgou ver-lhe nos olhos uma expressão consoladora e nos lábios um sorriso animador.

Desde então, a Maria da Luz tornou-se mais alegre, na esperança de que a imagem fizesse o milagre. Todas as manhãs lhe pedia que salvasse o pai e sempre julgava ver no rosto do Santo António a mesma risonha e suave expressão, como que a dizer-lhe que tivesse paciência e confiança.



Um dia, a Luzinha veio para casa triste, sem dinheiro e cansada de andar. Quando entrou, viu o pai a dormir com a cabeça encostada à mesa, onde se via um copo e uma garrafa de vinho vazia. A pequena lembrou-se, então, do tempo em que eram tão felizes, quando ele trabalhava e era bom para ela. Revoltou-se, amaldiçoou o seu triste destino e olhou com cólera, quasi com desprezo, para o pai. Vendo que ele acordava e balbuciava vagarosamente algumas palavras, a Luzinha, em vez de o ir abraçar e beijar, como sempre fazia, entrou apressadamente no quarto, batendo com a porta. Ajoelhou em frente do seu Santo António e suplicou-lhe que tivesse piedade dela, fazendo o milagre tão desejado. Qual não foi, então, o seu espanto, ao notar que qualquer coisa tinha mudado no rosto dele. A expressão risonha desaparecera e os olhos do Santo fitaram-na tristemente e pareciam consolá-la. A Luzinha ficou, primeiro, estupefacta, depois compreendeu. Tinha sido má, tinha tido um pensamento de má filha e o Santo António zangava-se com ela. Arrependeu-se logo e foi, a correr, abraçar o pai e fazer-lhe muitas festas, jurando consigo nunca mais se impacientar.

Nesse dia, a Luzinha não tornou a olhar para o rosto do Santo. Receava ver ainda o mesmo olhar de censura; mas, na manhã seguinte, uma alegria a esperava. A expressão animadora voltara e o Santo António tornava a sorrir-lhe, suavemente.

Os dias foram passando e a Luzinha era sempre a mesma boa filha, trabalhando muito para que nada faltasse ao pai e procurando desviá-lo do vício. Não perdia a coragem e não deixava de esperar, confiadamente, no milagre do Santo António.



Este continuava a animá-la com o seu sorriso, que parecia dizer-lhe que tivesse paciência e fé no seu poder.

Um dia, finalmente, a bondade da Luzinha e o grande amor filial de que dera provas, foram recompensados. Quando estava ajoelhada aos pés de Santo António e lhe fazia a súplica costumada, o pai entrou no quarto sem que ela o pressentisse. Não tinha bebido quasi nada e pôde compreender as palavras que a filha dizia por entre lágrimas. Percebeu, então, quanto a sua Luzinha sofria e, vendo-a tão pálida e abatida pelo trabalho a que se obrigava por causa dele, teve desprezo e horror por si próprio. Curvando a cabeça, saiu do quarto sem que a filha o sentisse, com a firme resolução de não tornar a beber e de voltar ao trabalho para que a sua adorada Luzinha deixasse de sofrer e de sacrificar-se. O pobre homem estava sinceramente arrependido e curado do vício que o tinha escravizado.

Santo António fizera o milagre!

Quando, nessa tarde, o operário voltou para casa, completamente lúcido, a Maria da Luz ia endoidecendo de alegria. O seu pai, o seu querido pai que tanto amava, voltara a ser o mesmo, nunca mais beberia e agora eles iam outra vez gozar a felicidade de outrora, na casinha humilde mas de novo ditosa.

O operário, readmitido no antigo lugar, começou a ganhar e a transformar-se no trabalhador enérgico e honrado que tinha deixado de ser e a Maria da Luz não tornou a chorar, pois que era, agora, inteiramente feliz.

No rosto belo de Santo António, nunca mais se apagou o suave sorriso que tinha consolado a Luzinha e que a aconselhara a ser sempre uma boa e respeitosa filha.

■ F I M ■



COLABORAÇÃO INFANTIL

HISTORIA DUM GATINHO

por Ayres Manuel de Oliveira
e Silva Teixeira, de 14 anos

HAVIA um gatinho,
Em eras remotas,
Muito bonitinho,
Que andava de botas.

Seu pêsinho branco,
O chão não tocava.
Nem côxo nem manco;
Direitinho andava.

E, com muita graça,
Elegante e leve,
De francesa raça,
Branquinho de neve.

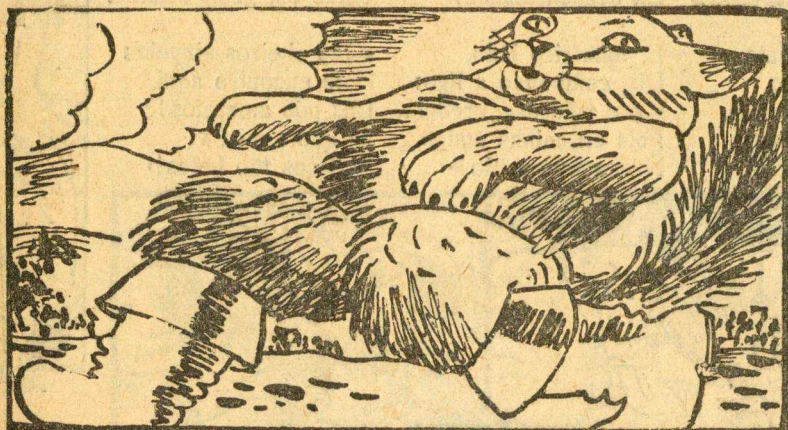
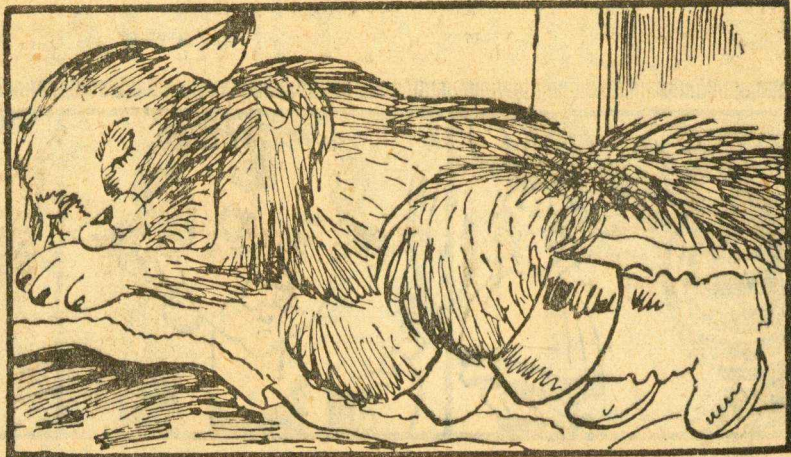
Dormia enroscado
Na cama da dona,
Como embriagado
A coser a môna.

Não queria aprender
A caçar os ratos
Mas ia lamber,
Apressado, os pratos.

As mèsas saltava
Como um esfomeado,
Se a dona o sovava
Ficava espantado.

Deitava a fugir,
Escandalizado
Por mal se sentir
Assim fustigado.

Lá se ia deitar,
Mesmo de sapatos,
Na cama a rosnar,
No rom-rom aos gatos.



MANECAS E ANTONINHO

Por MANUEL FERREIRA

COMO de costume, no ano seguinte àquele em que se deu a sensacional conversa entre Manécas e Antoninho, este foi passar as férias à sua casa dos arredores de Lisboa.

Numa tarde, à sombra do arvoredo, Antoninho respirava o ar puro dos campos, seguindo, interessado, a faina curiosa das ceifas. Ouvia as canções das raparigas e os ditos espirituosos dos saloios. De vez em quando, uma perdiz, em vôo baixo, passava sobre os trigos...

Manécas, sorridente e zombeteiro, aproximou-se

— Viva lá, menino Antoninho, ..



Então, que me diz dos trabalhos do campo?

O menino fino percebeu a troça,

Sorriu-se, irónico. E o rapaz continuou:

— Então, quando é que vê nascer o sol?

Antoninho não dizia nada. Parecia distraído. E Manécas insistiu:

— Se queres, amanhã vou buscá-lo a sua casa. Aí por volta das cinco horas da madrugada tem de estar a pé... Vamos ao cimo daquele oitêro, porque dali tem uma vista!... Até se vê Lisboa...

Insistiu:

— A gente pranta-se lá em dez minutos...

E apontou um monte muito distante...

(Continua na página 6)

A BARATINHA

----- POR -----
GRACIETTE BRANCO



Dona Baratinha
Andava assustada
Com certa coisinha
Que ouvira à criada
Dizer na cozinha.

Então ela pensa
Poder-nos matar?
Quem lhe dá licença?
Deixa-a lá falar,
É nossa a despensa!

«Anda baratinha
— Diz a rata esperta—
Vamos à papinha,
Vejo a porta aberta
Da despensazinha!»

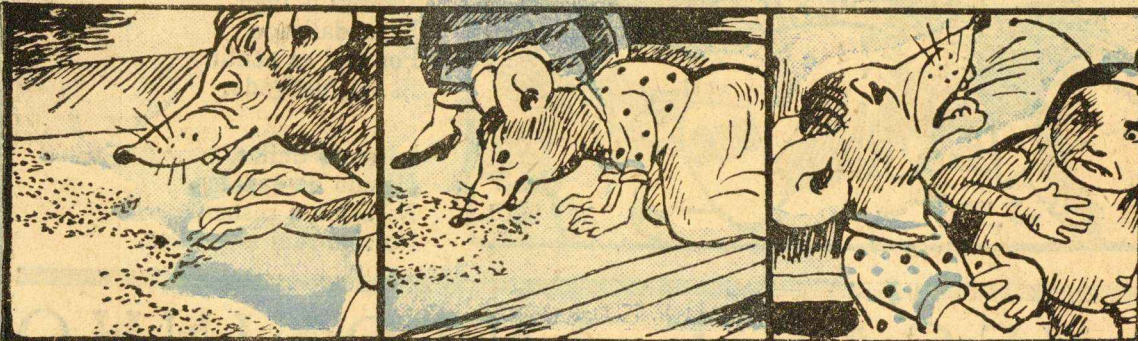
E começa entrando,
Tic, tic, tic,
Mas eis, senão quando,
Num ar muito «chic»,
Volve em gesto brando:

Mas a rata preta,
Sua concunhada,
Dissera: — «Que treta!
Nunca fazem nada!
Isso tudo é pêta!

E, numa frescata,
Morria de riso,
Enquanto a barata,
Com muito juízo,
Olhava p'r'a rata.

E, num riso lêdo,
Diz, compondo a liga:
«Que medrosa, credo!...
Pois eu, minha amiga,
Nunca tive mêdo!»

«Que cheiros singelos
Hoje encontro aqui,
Uns pós amarelos!?
Ai que nunca vi
Petiscos tão belos!»

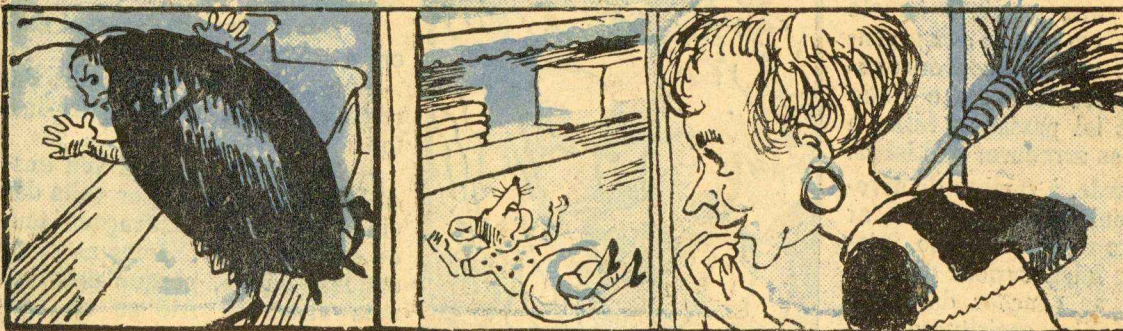


Mas logo, assustada,
Responde a barata:
«Eu não provo nada;
Se êsse pó nos mata
Minha concunhada?!»

«Pode lá matar!
Não seas piegas,
Eu vou já provar...
A ver se sossegas
Tanto matutar!»

Muito triste e só,
Pôs-se a baratinha,
Cheinha de dô,
Enquanto a ratinha
Lambeu todo o pó.

«Ai, meu coração!
— Grita, desvairada,
A rata negrão —
Minha concunhada:
Tu tinhas razão!



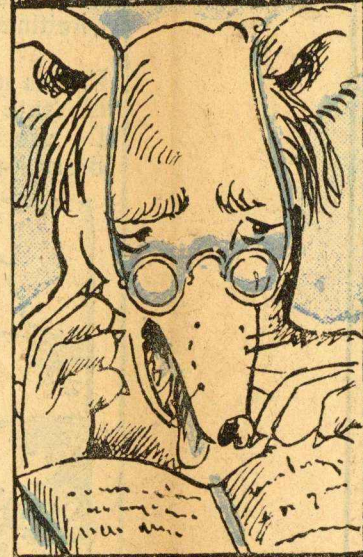
Já daqui não sai
O meu corpo morto,
A vida se vai!
Sinto o nariz torto,
Ai, Ai, Ai, Ai, Ai!...»

Barata assustada,
Quási num chilique,
Fugiu para a escada,
Tic, Tic, Tic,
Muito ajuízada!

Prova esta lição,
Dum mdo engenhoso,
Que é bem proveitoso
Termos precaução,

Pois a baratinha,
Muito ajuízada,
Se fôsse atrevida,
Perderia a vida,
Como a tal ratinha
Sua concunhada.

O Lobo e a Lebre



POR LAURA CHAVES

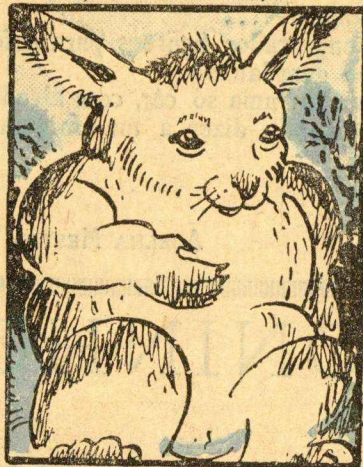
A nova fez sensação
no reino dos roedores:
O ilustre Lobo Lambão,
doutor sábio, entre os doutores,
ao mato tinha chegado,
onde elementos colhia,
para escrever um tratado
sôbre a *Lebreologia*.
Pois o Lobo, êsse inimigo,
que nunca tinha clemência





transformar-se num amigo!
Que milagre da ciência!

As lebres, entusiasmadas
té davam saltos mortais!
Se iam ser fotografadas,
e faladas nos jornais!
Que era imprudência, insistiram
alarmados, os coelhos,
mas à inveja atribuíram
seus assisados conselhos.
Havia uma lebre entre elas
a que chamavam a Ripas,
por ser uma magrízelas,
ser um pau de virar tripas.



Desde que o sábio chegou,
a toleirona da lebre
porque êle lhe não falou
andava cheia de febre.

As lebres tôdas, em massa,
acorreram nesse dia
em que, para ver-lhe a raça,
o Lambão as reünia.
E que lindos exemplares
num instante ali surgiram,
eram centenas, milhares,
que nesse lôgro caíram.
O que queria o Doutor,
já se está a adivinhâr,

era escolher a melhor
para depois a papar.

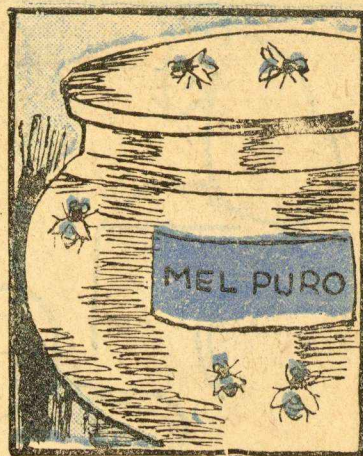
Lá apareceu, também,
a Lebrisca Papa-Açorda
que nem se mexia bem
por ser gorda, muito gorda.

Dona Ripas não faltou.
Ao topar tal concorrente
té quási que desmaiou...
mas exclamou: — «Para a frente!
A-pesar-de ser magrinha
eu hei-de vencer as mais.
A vitória vai ser minha,
hão-de ver-me nos jornais!»
Quando lhe chegou a vez



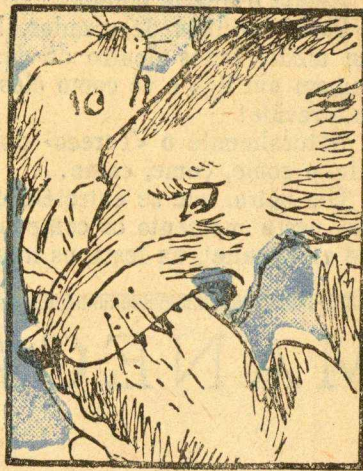
de ao Lobo se apresentar
querem saber o que fez?
Disse, sem se atrapalhar:

— «Ilustre sábio Lambão,
ouvi meus simples dizeres
que apenas resumo são
dalguns doutos pareceres.
A sábia Dona Carraça,
que à ciência se consagra,
afirma que a nossa raça
é mais saborosa, magra.
Confirma-o Doutora Zebra
que disse:— A gordura em excesso,



torna sem sabor a febra... —
disse-o mesmo num congresso.
Também o sapiente Onagro
proclamou em alto tom:
— O corpo deve ser magro
para o tutano ser bom. —

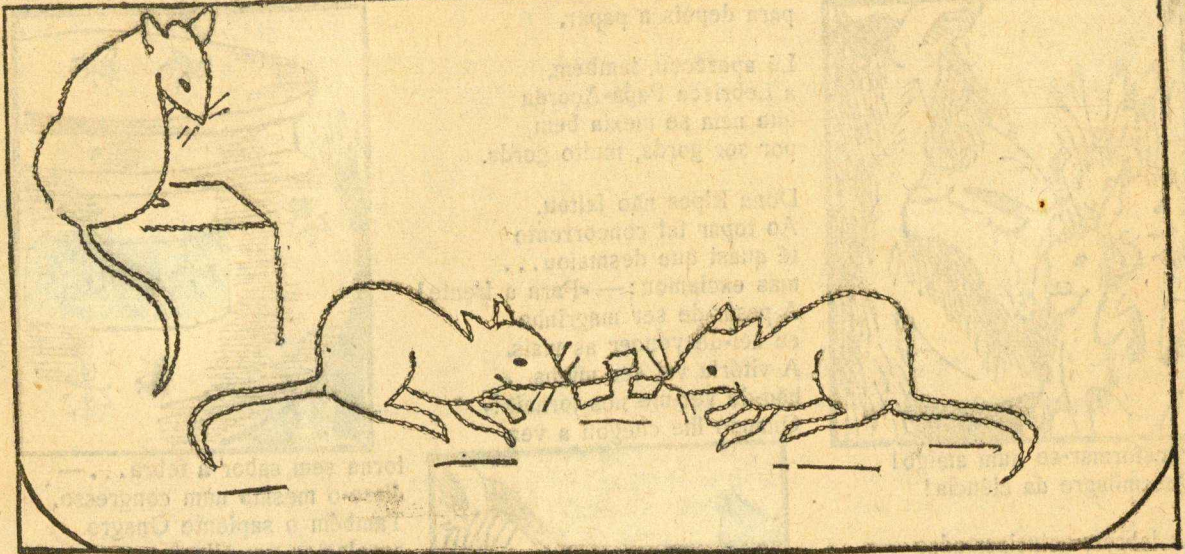
Garante o Urso selvagem
que é lebrólogo eminente,
que do magro a cartilagem
até se dá a um doente.
O Furão, na Academia,
defendeu estas doutrinas:
que o sangue da lebre esguia
tem muito mais vitaminas.



E quanto à estética rácica,
quem compara, quem mistura
a linha elegante e clássica
à flacidez da gordura?
Por isso, em grito vibrante,
vos afirmo, senhor meu,
a melhor representante
da nossa raça, sou eu.»

Tudo ali ficou banzado
ao ouvir tanta intrujice!
O que ela tinha inventado!
Que portentosa aldrabice!
Pensa o Lobo: «Que fazer?»

(Continua na página 7)



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA-MESTRA

Minha querida Luizinha:

Escuta o que te conto.

Estes ratinhos descarados, ladrões gulosos e sem medo, todos dentro da despensa, ao queijo chamam um figo e vê como eles o comem com ar tão atrevido!

Naturalmente o «Tareco» dorme, e por isso o ratinho come, come, come...

Um outro, que se entretém em cima da mesa, olha neste momento os companheiros e foi assim que eu apanhei, na festa, os três ratoneiros!

Quando apareci, loucos de terror gritaram: — «Salve-se quem puder!»

O queijo ficou meio comido e os ratos... pernas para que vos quero?!...

Gostas destes engraçados figurões para enfeitar o saco do teu guardanapo

Borda-os a todo de uma só côr, com algodão perlé brilhante e manda dizer à tua amiguinha se ficaste contente.

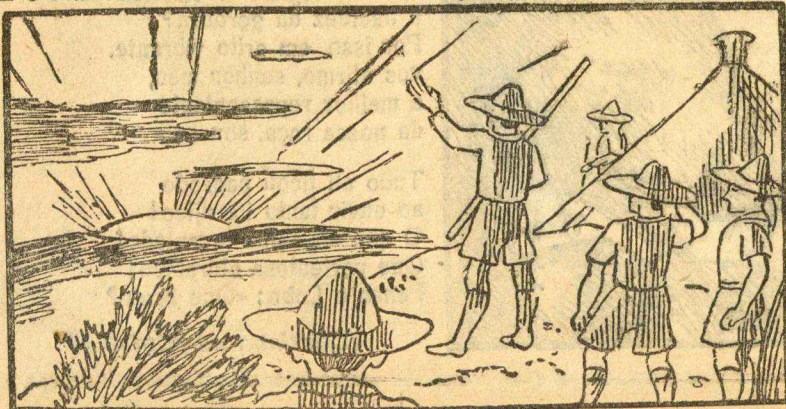
Um abraço da

ABELHA MESTRA

MANECAS E ANTONINHO

(Continuado da página 3)

Antoninho continuava calado. — Olhe lá, o menino desde que, Juntavam-se rapazes em algazarra. no ano pasado, se foi embora de E o Manécas continuou: cá, já foi alguma vez ao campo?



O menino rico sorriu-se e falou, então:

— Imensas vezes. Todos os domingos. E — disse êle, enigmático — tenho ficado no campo, muitas vezes...

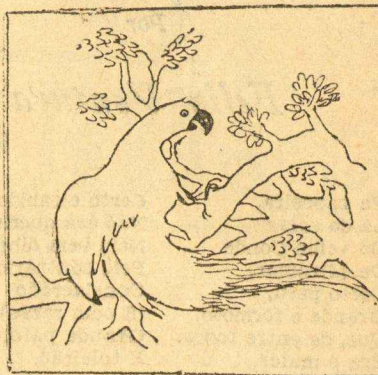
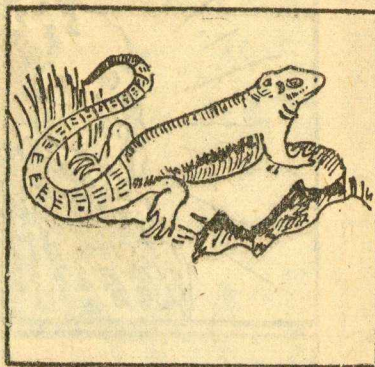
Manécas ficou assombrado. Perguntou:

— Se calhar, tem ido a algum lado, de passeio, com os seus papás...

— Isso sim. Tenho ido ao campo com rapazes assim como eu. Ficamos debaixo de barracas, de sábado para domingo. Neste dia, à tarde, vimo-nos embora...

Mais arvalhado ficou ainda o

CONCURSO DOS BICHOS



ANEDOCTA HIEROGLIFICA

(Solução do número anterior)

Passando, um dia, pela manhã, um corcunda perto de um homem cego dum olho, este disse-lhe: «Tão cêdo e já tão carregadinho?! «Ao que o corcunda, imediatamente, respondeu: «Vê-se bem que é cêdo na sua casa pois lhe vejo só uma janela aberta.»

filho do caseiro. Inquiriu, curioso:

— Debaixo de barracas?

— Sim — respondeu Antoninho.

— Juntamo-nos aí uns oito, (uma patrulha). Vamos para o campo, fazemos o comer, passeamos, corremos, saltamos...

— E vêm nascer o sol? — perguntou um petiz, incrédulo.

— Ora se vemos — respondeu Antoninho com ares superiores.

— Muito antes do sol nascer já nós andamos a tomar o ar puro. E, olhem lá, vocês sabem fazer comida?

— Não, não sabemos — respondeu Mauécas.

— Eu sei assar maçãs — respondeu outro rapazito.

— Pois eu sei cozinhar para a tal patrulha. Vocês sabem deterenciar os cogumelos bons dos venenosos?

— Não sei — respondeu Manécas.

— Mas, o menino sabe?

— 'Tá visto que sei. E sei muitas outras cousas. Por exemplo, tu, há bocadinho, disseste-me que o tal outeiro é muito perto daqui...

— E é... — interrompeu o filho do caseiro.

— Pois não é. Não leva só dez minutos a chegar lá. Eu já estive ali acampado. Nem daqui a duas horas. Vocês, os saloios, quando

Solução das charadas e adivinhas

Solução das adivinhas:

Papagaio — Palmatória — Caminha.

Solução das charadas:

Arara — Camelo — Cenário — Gaiola Agosto.

vêm uma montanha ao longe dizem sempre que é perto. Como se fôsse ali ao voltar da esquina...

O Manécas estava agora inferiorizado ante o Antoninho.

Preguntou:

— O menino falou em acampar. O que é isso?

— Acampar — respondeu Antoninho — é viver no campo, passar as noites debaixo duma barraca, fazer o comer, ir buscar água, observar os animais e as plantas, subir às árvores, viver, emfim, em contacto com a Natureza,

Os escoteiros com os seus acampamentos conhecem a saúde, a força, a energia.

— O quê? — interrompeu o Manécas. — O menino é escoteiro?

— Sou, sim. Porque fazes essa pergunta?

— E' porque o senhor professor primário anda, pelos jeitos, com vontade de fundar um grupo aqui na aldeia. Eu como não sabia o que era, não me interessava. Mas, agora, vou entrar para o grupo...

Então, meus meninos, não foi também útil a atitude do Antoninho?

F I M

O LOBO e a LEBRE

(Continuação da página 5)

Ante a dúvida específica qual dessas duas comer, a gorda, ou a científica? A magra faz tal reclame à sua carne tão bela, que até chega a ser vexame se eu a não comer a ela! E enquanto o Lobo a engulia sem grande aprêço mostrar, a bicharada fugia para ali não mais voltar.

Mas, segundo me disseram, foi depois dessa ocorrência que as lebres tôdas descreeram dos milagres da ciência.

Tem moral este aranzel: «Seja bicho ou seja homem, aquele que se faz mel, já sabe, as mósas o comem.»

CHARADAS

CHARADAS COMBINADAS

- + a = querida
- + a = viela
- + a = artigos
- + a = parte do ovo

Conceito: Veículo

- + o = apelido
- + o = desejo animal
- + o = nome
- + o = adv. rbio

Conceito: Veículo

CHARADAS EM FRASE

Naquela moradia este animal tem um abajo. 2-1 *casaca*
No alto deste rio vejo as lezírias.
-2-2 *rua*
Esta mulher tão formosa lembra uma actriz de cinema. -2-2

lira

linda Bela

O PERÚ VAIDOSO

Por

Feliz Ventura

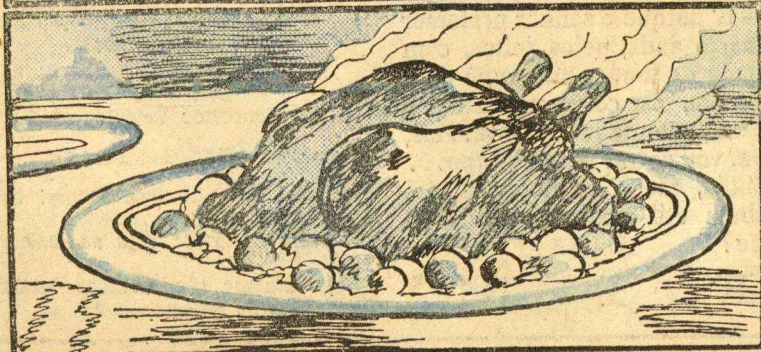
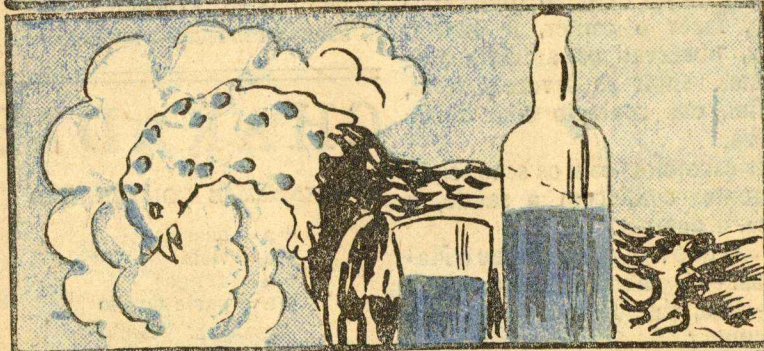
Na capoeira,
Lá do solar
Do velho Conde
De Miramar,
Certo perú,
Grande e formoso,
Que, de entre todos,
Era o maior,
Fez-se vaidoso,
Por se julgar
Superior.

E, sem descanso,
Dizia assim :
— «Glú, glú, glú, glú...
Quem é que vem
Para admirar
Este perú
Que não tem par
E que é o rei
Nas capoeiras
Dêste solar?»

Certo e sabido:
Não era querido
Nem bem olhado.
Pelo contrário
Considerado
(E com razão)
Grande pateta
E toleirão.

Tantas tolices,
Tantas, dizia,
Que já ninguém
Caso fazia.

E ele, emproado,
Todo arrufado,
Comia bem,
Dormia bem
E pelos outros
Desprezo tinha,
Quer fosse pato
Frango ou galinha.



Ora uma vida
Desta maneira,
Não era má.
Com tais prazeres
Nem um pachá!

Mas, certo dia,
A cozinheira
Na capoeira
Resolve entrar.

As outras aves
Tôdas tremiam;
Já do escolhido,
A sorte viam.

Nisto o perú
Tão arrufado
Foi sem demora
Dali levado;
Pois, de entre todos,
Era o mais gordo,
Mais anafado!
E, dentro em pouco,
O tal perú
Que se dizia
De todos rei,
Foi, na cozinha,
Embedadado
Bem degelado
E depenado.

Horas depois,
Já bem cozido
Numa travessa,
Foi rodeado
De batatinhas
Muito lourinhas.

Por aqui, vêdes
Que é bem verdade
Ser a vaidade
Mal de temer.
Pois que serviu
Ao tal perú
Vaidoso ser?